

PATRIARCADO E MACHISMO ENRAIZADO NA SOCIEDADE: UMA REVISÃO BIBLIOGRÁFICA

Pâmella Tamilla Oliveira Cardoso¹

Alessandro Matos Nascimento²

Phábio da Rocha Silva³

Laís Cristina Barbosa Silva³

Stella Rico Ribeiro³

RESUMO

O objetivo desta pesquisa é trazer diferentes pontos de vista do que levam pessoas a se submeterem a relacionamentos abusivos em detrimento ao patriarcado e machismo. Não de forma limitada ao relacionamento amoroso como normalmente atribuem o relacionamento abusivo em si, mas às diversas relações interpessoais, com uma perspectiva de fazer pensar o relacionamento abusivo em outros parâmetros e olhar criticamente para uma sociedade machista e totalmente regida pelo patriarcado. Algumas indagações aqui atribuídas ao motivo de tais comportamentos, para que possam entender justificativas de uma sociedade totalmente corrompida por falsos moralistas e o que faz o ser humano agir de forma tão passiva frente algumas questões de tamanha relevância paramudanças sociais. O mundo respira e vive patriarcado, gera atitudes machistas de ambos os gêneros. Pessoas criaram dentro de si um senso ético da forma correta de viver em sociedade, onde os homens são dominadores e mulheres devem ser submissas.

Palavras-Chave: Gênero, machismo, patriarcado, subjetividade, violação.

ABSTRACT

The objective of this research is to bring different points of view of what leads people to submit to abusive relationships to the detriment of patriarchy and machismo. Not in a limited way to the love relationship as they normally attribute the abusive relationship itself, but to the various interpersonal relationships, with a perspective to make the abusive relationship think in other parameters and to look critically at a society machista and totally governed by patriarchy. Some questions attributed here to the reason for such behavior, so that they can understand the justifications of a society totally corrupted by false moralists and what makes human beings act so passively in the face of some issues of such relevance for social changes. The world breathes and lives patriarchy, generating attitudes machistas of both genders. People have created within themselves an ethical sense of the right way to live in society, where men are dominators and women must be submissive.

Keywords: Gender, chauvinismo, patriarchy, subjectivity, violation.

¹ Bacharel em Psicologia pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia – Univar. Barra do Garças-MT.
pamtamilla@outlook.com

² Docente orientador da pesquisa. Historiador pelo Centro Universitário do Vale do Araguaia.

³ Docentes no Centro Universitário do Vale do Araguaia – Univar. Barra do Garças – MT.

1. INTRODUÇÃO

Partindo de uma linha para entender o que é patriarcado e machismo, deve-se saber que são duas palavras que carregam um conflito social quando se fala de relacionamento entre homens e mulheres. O patriarcado pode ser definido como se fosse uma tradição antiga, onde o homem é detentor do domínio, aquele que dentro da sociedade é o superior, respeitado e totalmente digno de privilégios, que o sexo oposto não tem. Bem como o patriarca da família, quem recebe o melhor salário, espontaneamente é estimado e tratado melhor que uma mulher, só por ser homem.

O machismo é implícito e a mulher é considerada figura de domínio do homem, tendo que se comportar como tal. Não pode sair e comportar-se de forma promiscua, os homens podem, pois são homens, e as mulheres são criaturas que devem se dar ao respeito, ou não vão conseguir arrumar um namorado, noivo, marido que as queiram. Homens, podem agir de qualquer modo, não serão julgados, não ficarão “falados” por determinado comportamento.

Uma “moral” imposta e cobrada, porém apontada e criticada apenas por uma parcela dessa sociedade, as mulheres. A humanidade nem sempre foi regida pelo patriarcado e abarcada por atitudes machistas. De acordo com Hirigoyen (2006) os estereótipos da masculinidade e da feminilidade não são um

invento recente, datado da Revolução Industrial no século XVIII onde foi atribuída à masculinidade a força, coragem e vontade de agir. Enquanto a feminilidade significava doçura, paciência e instinto maternal.

Nas primeiras sociedades, a figura masculina não tinha propriedade vinculada ao processo biológico de um bebê, também não mantinha uma ideia rígida de figuras sexuais nas relações, tão pouco os relacionamentos amorosos eram monogâmicos. Mulheres e homens eram praticamente “iguais”, em termos de papéis sociais. Todos relacionavam-se e trabalhavam em suas respectivas tribos, de forma igualitária.

Com o passar do tempo, novas formas de ver o mundo foram surgindo, novos territórios eram descobertos, desta forma, os pequenos grupos tribais acabavam tendo que se instalar em determinadas áreas, assim com o crescimento da agricultura e mais descobertas, as áreas em que demandavam mais esforço físico, mão de obra mais pesada, o homem começou a se sobressair nestes requisitos, enquanto a mulher passou a cuidar do plantio, da terra, da casa e filhos. E mais tarde passou a ser descoberta a participação do homem na reprodução. Desde então, foi crescendo um pensamento e assim, se instalando mais tarde em várias sociedades, a ideia da mulher como propriedade exclusiva do homem, e vindo a calhar vários futuros conflitos sociais entre os sexos.

Com isso, a mulher passou a ser vista como um ser que deve ser tratado como exclusividade masculina, seja desempenhando seu papel de esposa e entre outros papéis dentro da sociedade tendo que ser vista e compreendida de forma respeitosa diante de sua cultura, para que assim não envergonhe seu marido e familiares. Desta forma, surgem os conflitos de convívio e críticas com relação a atitudes de homens sendo enaltecidos e as das mulheres crucificadas, criticadas e difamadas por comportamentos iguais aos dos homens, mas que por ser mulher, não tem o mesmo direito de se portar feito os mesmos. Frente a isso, também um outro ponto a ser analisado, é a violência verbal e física por parte do sexo masculino e até mesmo de mulheres atacando outras mulheres, pois sim, o machismo também se encontra nas mesmas.

A partir do momento que um determinado comportamento feminino vem a ser desaprovado por parte de uma cultura machista, há aqueles que decidem atacar verbalmente e até chegar à violência física por não aceitação das atitudes consideradas inaceitáveis para mulheres. Isso nada mais é que discriminação, seguido de violência com o sexo feminino, uma manifestação desigual historicamente falando, tornando-se uma violação de gênero e os direitos de uma mulher reconhecidos pela ONU, no ano de 1993.

Segundo Alves e Pitanguy (1991), até

meados do século XIX, a vida da mulher era administrada conforme os interesses masculinos, sendo envolta em uma aura de castidade e deresignação, pois devia procriar e obedecer às ordens do pai ou do marido. Felizmente nos dias atuais, a mulher tem sido vista de uma maneira diferente, graças a luta delas mesmas, a sociedade tem começado a entender, que mais do que nascer mulher, biologicamente falando, também são seres humanos independentemente de sexo e gênero e não vieram ao mundo para ser rotulada como um objeto exclusivo do homem.

Ao pensar o relacionamento, podemos enxergar várias atitudes abusivas dentro de uma interação interpessoal, atitudes influenciadas por uma cultura patriarca e machista, onde predomina-se o excesso de poder a uma pessoa. Essa relação torna-se um relacionamento abusivo, com o desejo de ter alguém exclusivamente para si, seja um namorado, um amigo, um familiar, o sentimento de tomar posse e controlar uma pessoa para si.

É notável o quão patriarcado e machismo influencia as pessoas, como as mesmas tomam percepção de seu próprio mundo e do outro, o quão um ser humano chega a pensar que tem o direito de tomar, dominar e controlar um outro alguém. Os conflitos psicológicos são desencadeados, podendo trazer a perda de sua própria essência, desvinculando-se de seu próprio eu, sua própria identidade, sentindo-se

perdida (o), perdendo o prazer nas coisas que mais gostava de fazer. Geralmente esses conflitos é predominante nas mulheres, pois são as que mais sofrem dentro de relações abusivas.

Uma pessoa seja qual for o seu sexo, tem o direito de se portar como for moralmente falando. Desde que não esteja infringindo o direito e espaço de outro. Seres totalmente únicos, com personalidades diferentes, cheios de desejos e vontades, e uma cultura machista surge e acha que tem o direito de impor e cobrar um determinado comportamento simplesmente por considerar um sexo inferior a outro.

Segundo Rolnik (1997), a subjetividade é o perfil de um modo de ser – de pensar, de agir, de sonhar, de amar etc. – que delimita o interior e o exterior do ser humano. A subjetividade é resultado da interação do indivíduo com as influências socioculturais, sendo modelada de acordo com os comportamentos, com os valores e com os sistemas econômicos e políticos de cada sociedade.

A pesquisa tem como objetivo, a análise de fatores que contribuem para comportamentos condescendentes a uma relação abusiva em detrimento ao patriarcado e machismo; identificar causas de relacionamento abusivo, como também analisar os impactos sociais que o patriarcado e machismo trás para a vida pessoal. Para isso foi realizada uma pesquisa bibliográfica nas plataformas online na biblioteca do Centro Universitário do Vale do Araguaia- Univar. Utilizou-se como critério o

idioma português.

2. IMPACTOS SOCIAIS CAUSADOS PELO PATRIARCADO E MACHISMO NAS RELAÇÕES DE GÊNERO

Pensando as relações desiguais fundadas nas diferenças entre os sexos e no modo de dar significado às relações de poder é o que Scott (1990) define por gênero. Observando a partir de uma perspectiva patriarca e machista sobre o quanto essa ideologia corrompe, é olhando do ponto de vista feminino. O mesmo sempre foi mais atingido negativamente dentro da sociedade por assim dizer, pois quando falamos de impactos sociais nas relações de gênero em detrimento do patriarcado e machismo, dentro de qualquer interação, é notável alguma atitude dominadora por parte do sexo masculino,

Saffioti (2004) afirma que o uso do conceito de patriarcado, pois esse representa um tipo hierárquico de relação que está presente em todos os espaços sociais e que é uma relação civil e não privada. O patriarcado concede direitos sexuais aos homens sobre as mulheres, possui uma base material e corporifica-se. E também diz respeito a uma estrutura de poder que tem por base a ideologia e violência.

É de conhecimento da maioria o fato de que a vítima geralmente é a parcela minoritária de um grupo específico. Ao analisar esses impactos, pode-se observar o quanto essas

questões estão presentes no mundo a séculos atrás. Pegando como exemplo a história da colonização no Brasil, uma época que os homens usavam da sexualidade para o crescimento de escravos para melhorana tentativa de expansão de territórios.

O homem com seu desejo de se sentir dominador e controlador, abusava e estuprava mulheres, tanto para saciar o desejo perverso de dominação do corpo feminino como sendo sua propriedade exclusiva, como para interesses políticos de crescimento da população escrava. Então, através de alguns estudos, nota-se a construção cultural e histórica da predominação de domínio ao homem.

“As mulheres são tratadas como objetos ou como símbolos cujo sentido lhes está alheio e cuja função é manter o capital simbólico – especialmente a honra – em poder dos homens”. (BORDIEU, 1999).

Desta maneira, analisando o contexto cultural que alguns criam, se pensando em diferentes formas de viver e experienciar uma sociedade, algumas perspectivas de vida depende da cultura, tudo se resume as regras e maneiras de ver o mundo que esse grupo específico criou seguindo a origem histórica de seu lugar. Pois bem, existem outras culturas das quais não aderem a essa desigualdade de gênero a qual alguns ainda vivem.

Falar de impactos sociais, é rotular uma sociedade que está doente por seus padrões

éticos e morais impostos a uma determinada parcela da sociedade. Perceba que esses padrões acabam sendo cobrados a uma minoria, mulheres heteronormativas e a comunidade LGBTQIAP+.

O falso moralismo imposto a alguém, controlando como o mesmo deve se comportar, aonde deve ir ou aonde não pode entrar, como deve se relacionar, com quem se relacionar, não se relacionar, demonstrar ou não demonstrar afeto, em público, dependendo do teu sexo biológico e orientação sexual.

É notório a desigualdade por sexo, quando falamos no mercado de trabalho, por exemplo, o quão é mais fácil para um homem conseguir um emprego, independentemente de seu estado civil. Enquanto para uma mulher, superficialmente falando, só o fato de ter filhos, por exemplo, já se torna um empecilho para conseguir uma vaga. Na sociedade Cabila, o masculino impõe-se e constrói espaços diferenciados de oposição ao feminino. A ordem social das coisas e das atividades organiza-se a partir da oposição entre o masculino e o feminino (BOURDIEU, 1999). “O gênero dos indivíduos é definido pelas relações sociais, pela cultura e pelo sistema simbólico no qual os seres humanos estão inseridos, e não pelas diferenças biológicas entre os sexos.” (OSTERNE; SILVEIRA, 2001, p.119).

Hoje vemos muito preconceito sendo tolerável pelo machismo que dominam a mente

de muitas pessoas como uma espécie de parasita, levando-as a reproduzirem tais atitudes em consideração a um patriarcado explícito de forma consciente e inconsciente. A sociedade tornou-se e continua sendo patriarca, algumas coisas mudaram, mas ainda não é o suficiente, pois ainda é grande a existência da exclusão da mulher e inclusão dos homens em todos os aspectos que se possa imaginar.

Conforme a revista de políticas públicas da Universidade do Maranhão:

À mulher, cabem as funções “inferiores”, reservadas ao espaço da casa, como o cuidado com os filhos e o lar. Ao homem é destinada a conquista do espaço público; à mulher, o espaço privado, dela por natureza. Sob essa perspectiva, o homem é a figura de poder e a referência das relações sociais de submissão da mulher à esfera privada. O homem viril, macho, forte e inflexível é construído socialmente, em detrimento da mulher frágil, doce, delicada e flexível. O discurso predominante sobre os modos de ser masculino e feminino é, pois, construído com a intenção de subordinar a mulher e desvalorizar a esfera do feminino. (DOS SANTOS, 2010, p.60).

Pensando em uma reflexão, se pode concluir que, as mulheres desde crianças são educadas para que se tornem grandes mulheres de prestígio para que então, consiga um bom marido, tenha filhos lindos e cuide bem da casa e de sua família. Não lhes são ensinadas a serem mulheres de sucesso e independentes, a buscarem uma formação antes de pensar em casamente, ou não buscar nada, fazer aquilo que desejar no futuro, sem a pressão familiar patriarcal.

Uma sociedade organizada

verticalmente segundo o primado da masculinidade. Logo os homens são instruídos aos “jogos de dominação” – lugar de privilégios dos homens que reproduzem sobre as mulheres a ideologia dominante masculina. As mulheres, ao contrário, são educadas para serem incapazes de compreender esses jogos masculinizados, voltados para a esfera pública, porque a elas é reservado o espaço privado (BOURDIEU, 1999).

Aos meninos, lhes são ensinados desde pequenos, a alimentar uma masculinidade egocêntrica de homem. A própria mãe, mulher, ensina ao filho e o trata de maneira ríspida e bruta. Esquecem que é uma criança, independentemente do sexo biológico, é apenas um ser humano. Homens são seres como outro qualquer, nem melhor ou pior.

A ideia do feminino como um sexo frágil levou a sociedade a visão androcêntrica, que segundo Bourdieu (2002), os esquemas de dominação simbólicos foram estruturados com base numa visão de mundo onde o homem é sempre superior à mulher. E a ordem social funciona como uma máquina simbólica que confirma a dominação masculina.

3. RELAÇÃO ABUSIVA EM DETRIMENTO DO PATRIARCADO E MACHISMO

Para Saffioti (2004), o poder apresenta duas faces, a potência e a impotência. Os homens

são socializados para conviver com a potência, para exercer o poder. Quando se deparam com a impotência, acabam praticando atos violentos. De acordo com Hannah Arendt, “... O domínio pela pura violência advém de onde o poder está sendo perdido...” (1994, p.38).

Para entender a cultura de relacionamento abusivo, é preciso antes de mais nada entender o porquê, se é influenciada pelo patriarcado e também atitudes machistas. Quando ousa-se olhar para um relacionamento e assim, subjugá-lo superficialmente pelo o que se vê fora dele, precisa analisar todo um contexto social.

Segundo Araújo (2008), a ideologia de gênero é um dos principais fatores que levam as mulheres a permanecerem em uma relação abusiva. Muitas delas internalizam a dominação masculina como algo natural e não conseguem romper com a situação de violência e opressão em que vivem.

Os homens crescem envoltos a ideia de que sua masculinidade precisa estar à altura de seu sexo biológico, por assim dizer, esse sexo forte, dotado de poder e que precisa ser grande o suficiente para se sentir detentor do que cativas, dono do que possui e predestinado a possuir.

A repressão de sentimentos e emoções imposta pelo ideal de masculinidade desencadeia um comportamento violento nos homens, pois a própria repressão já é a expressão da violência auto infligida, visto que as emoções e

sentimentos são partes indissociáveis de todos os indivíduos, independente do gênero. Esse comportamento violento pode se manifestar de modo autodestrutivo através de comportamentos de risco como o uso de substâncias ilícitas e o alcoolismo. (SILVA, 2018).

Egos obesos e masculinidades frágeis, culturalmente e socialmente ensinados e educados desta forma. A sociedade espera que o homem seja assim, forte e dominador. Quando acontece situações em que o mesmo se encontra em uma postura inferior a essa que lhe foi ensinado, o mesmo sofre com isso, psicologicamente e emocionalmente.

Os homens dominam coletivamente e individualmente as mulheres. Esta dominação se exerce na esfera privada ou pública, atribuindo aos homens privilégios materiais, culturais e simbólicos. (WELZER-LANG, 2001)

Pensa-se que o funcionamento psíquico de um homem trabalha em prol a corresponder suas expectativas masculinas assim designadas pela sociedade. Quando a mesma é frustrada, desencadeia-se agressividade, o mesmo sente-se autoridade de agredir, seja verbalmente ou até fisicamente as pessoas ao seu redor.

Ainda seguindo esse ponto de vista, o homem irá procurar preencher sua falta pelo fracasso, agredindo as pessoas de seu convívio, que geralmente são sua família, principalmente sua companheira. Ele acaba por se sentir menos mal no momento que fala alto com sua esposa, ou

mesmo a manda fazer algo, grita com seus filhos e etc.

Ele se sente como o dono daquelas pessoas, como o chefe da família que é respeitado e que independente de seu fracasso na vida profissional, por exemplo, ele ainda tem o domínio de sua casa. Ainda é respeitado de forma patriarca e machista como lhe foi ensinado.

Assim, observa-se o relacionamento abusivo em detrimento ao patriarcado e machismo, onde o homem trata sua esposa como propriedade, uma submissa a ele, os filhos como parte da propriedade, que também os pertences e os mesmos são obrigados a aceitar tudo que lhes é passado pelo patriarca da família.

Os filhos passam a sofrer com relacionamentos abusivos, tanto do pai, quanto da mãe, que também adere atitudes machistas por reflexo de sua submissão ao homem. Aprende que aquelas atitudes são as certas perante a sociedade e que ela está fazendo seu papel de boa esposa, obediente recatada e do lar (MAIA, 2017).

A análise é de uma prisão psíquica em que todos na casa sofrerão dentro dessa câmara de gás patriarca e machista. Um homem frustrado, uma mulher submissa que também se frustra e busca suprir sua falta reproduzindo na criação de seus filhos o mesmo tratamento que foi recebido:

Sempre vi na dominação masculina, e no modo como é imposta e vivenciada, o exemplo por excelência desta submissão paradoxal, resultante daquilo que eu chamo de violência simbólica, violência suave, insensível, invisível a suas próprias vítimas, que se exerce essencialmente pelas vias puramente simbólicas da comunicação e do conhecimento, ou, mais precisamente, do desconhecimento, do reconhecimento, ou, em última instância, do sentimento. (BOURDIEU, 2010, p. 6).

Lemes (2017), traz uma perspectiva de prisão às segas ao citar Bourdieu falando sobre a dominação como uma espécie de violência invisível, ele dá pistas as quais levam a inferir que as mulheres são interpeladas por essa ideologia e não se dão conta dessa interpelação, tomando para si o lugar de dominadas, de submissas, negando aos maridos ou filhos tarefas consideradas por elas mesmas de cunho feminino, como os afazeres domésticos.

Para Bourdieu (2010, p. 18), “A força da ordem masculina se evidencia no fato de que ela dispensa justificção”, isso quer dizer que o gênero masculino aparece como algo não marcado, portanto neutro, livre de estigmatizações tanto na percepção social quanto na linguagem, assim sendo, não necessita buscar legitimação, ao contrário do gênero feminino, que carrega em si uma série de caracterizações:

A ordem social funciona como uma imensa máquina simbólica que tende a ratificar a dominação masculina sobre a qual se alicerça: é a divisão social do trabalho, distribuição bastante estrita das atividades atribuídas a cada um dos dois sexos, de seu local, seu momento, seus

instrumentos; é a estrutura do espaço, opondo o lugar de assembleia ou de mercado, reservados aos homens, e a casa, reservada às mulheres; ou, no interior desta, entre a parte masculina, com o salão, e a parte feminina, com o estábulo, a água e os vegetais; é a estrutura do tempo, a jornada, o ano agrário, ou o ciclo de vida, com momentos de ruptura, masculinos, e longos períodos de gestação, femininos. (BOURDIEU, 2010, p. 18).

Assim, percebe-se que há um domínio do homem, o que acaba influenciando nos costumes, na ideologia e na cultura. Isso reflete no posicionamento social das mulheres, bem como em toda a estrutura da família, o que pode ocasionar violências e com isso traumas constantes, necessitando de ajuda profissional para saná-los.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

Diante as observações, a pesquisa teve como intuito abordar diferentes perspectivas relacionada ao patriarcado e o machismo. O mesmo tem por assim dizer, mostrar o que faz as pessoas de uma determinada sociedade viver de forma tão rígida com relação a interação de gêneros. Pois, o homem dentro desta sociedade é totalmente o dominador e pode-se analisar também que isso ultrapassa um local específico na cidade ou país.

Quando falado sobre patriarcado, podemos perceber sua extensão intrínseca no mundo inteiro desde meados de séculos atrás. E a presente pesquisa trás também um olhar do ponto de vista do homem que desde pequeno, o

mesmo é tratado de forma ríspida para que então, não desaponte o seu sexo biológico masculino e assim condicionando meninos ainda inocentes e sem malícia a se tornarem homens machistas e desenvolvendo em suas respectivas personalidades traços de masculinidade frágil e tóxica.

É necessário entender o quão a sociedade tem sua culpa no desenvolvimento do ser humano, corrompendo-os e deixando claro a importância em ter uma mulher em seu respectivo lugar como uma boa moça comportada e recatada. Enquanto os homens são livres para serem eles mesmos sem muitos julgamentos sociais.

5. REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

ALVES, Branca Moreira. PITANGUY, Jacqueline. **O que é feminismo**, v. 8, 1991.

ARAÚJO, Maria de Fátima. Gênero e violência contra a mulher: o perigoso jogo de poder e dominação. **Psicologia para América Latina**, n. 14, p. 0-0, 2008.

BOURDIEU, Pierre. **A dominação masculina**. 2. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2002.

SANTOS, S.C.M.; COSTA, A.M.M.. A herança patriarcal de dominação masculina em questão. XXVII Congreso de la Asociación Latinoamericana de Sociología. VIII Jornadas de Sociología de la Universidad de Buenos Aires. Asociación Latinoamericana de Sociología, Buenos Aires, 2009. Disponível em: <https://cdsa.aacademica.org/000-062/816>. Acesso em 2019.

DOS SANTOS, Simone Cabral Marinho. O

modelo predominante de masculinidade em questão. **Revista de Políticas Públicas**, v. 14, n. 1, p. 59-65, 2010.

HIRIGOYEN, Marie-France. A violência no casal: da coação psicológica à agressão física. **Rio de Janeiro: Bertrand Brasil**, p. 36-45, 2006.

LEMES, Fabiane et al. Ainda o machismo: um estudo discursivo sobre a mulher em campanhas publicitárias. 2017.

MAIA, Laura Rodrigues. A cultura do machismo e sua influência na manutenção dos relacionamentos abusivos. **Psicologia-Tubarão**, 2017.

NANJARÍ, Cecilia Castillo. Gênero como categoria de análise para desvendar a violência contra as mulheres: um desafio para a educação teológica. **Revista Caminhando**, v.14, n. 2, p. 141-151, 2009.

NIGRO, Isabella Silva; BARACAT, Juliana. Masculinidade: Preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica de Psicologia: Olhares da psicologia sobre questões da atualidade, Garças, São Paulo**, v. 30, n. 1, p. 4-19, 2018.

OSTERNE, Maria do Socorro Ferreira; SILVEIRA, Clara Maria Holanda. Relações de gênero. **O público e o privado**, v. 10, n. 19 jan. jun, p. 101-121, 2012.

ROLNIK, Suely. Psicologia: subjetividade, ética e cultura. **SILVA, AE et al**, p. 13-21, 1997.

SAFFIOTI, Heleieth Iara Bongiovani. Gênero, patriarcado, violência. In: **Gênero, patriarcado, violência**. 2004. p. 151-151.

SAYÃO, Deborah Thomé. Corpo, poder e dominação: um diálogo com Michelle Perrotte Pierre Bourdieu. **Perspectiva**, v. 21, n. 1, p. 121-149, 2003.

WELZER-LANG, Daniel. A construção do masculino: dominação das mulheres e homofobia. **Revista Estudos Feministas**, v. 9, n. 2, p. 460-482, 2001.